

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
9 e 14 de Março de 2023  
KING HU E O CINEMA WUXIA DE TAIWAN

## LONG CHENG SHI RI / A CITY CALLED DRAGON / 1970

*Um filme de Tu Chung-Hsun  
(assinado com o pseudónimo de Larry C. H. Tu)*

*Argumento:* Han Wu e Larry C. H. Tu (pseudónimo de Tu Chung-Hsun) / *Diretor de fotografia* (35 mm, cor, formato 2x35): Ed Y. S. Chew (pseudónimo de Yeh-Hsing Chou) / *Cenários:* Shang.Lien Chen / *Figurinos:* Te-Chen Chu / *Música:* Ta Chiang Hu / *Montagem:* Chin-Chen Wan / *Som:* Hua Chang (gravação) / *Interpretação:* Feng Hsu (*Miss Shang, dita "a Libélula de Jade"*), Chun Shih (*o governador*), Han Hsie (*o adjunto do governador*) Chang-Shan Wan (*Jiang-da*), Shih Lu (*o vendedor de raviolis*), Lu-Shi Ku (*o secretário do governador*), Hui-Lu Chen (*Mr. Wo*), Ming Kuo (*o farmacêutico*) e outros.

*Produção:* Ling Chang para a Union Film Company (Taipé) / *Cópia:* dcp (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas em inglês e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 90 minutos / *Estreia mundial:* Taipé, 20 de Novembro de 1970 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

\*\*\*\*\*

**Long Cheng Shi Ri/A City Called Dragon** é o filme de estreia de Tu Chung-Hsun (que assinou-o, por razões não identificadas, com um óbvio pseudónimo, o mesmo usado por ele para co-assinar o argumento) e o segundo da futuramente célebre Feng Hsu, protagonista de **Adeus, minha concubina**, mas também de **Dragon Inn/ Long Men Kezhan**, de King Fu, que passa por ter mudado o cinema de artes marciais e ter tido inúmeros descendentes. Nascido em 1936, Tu Chung-Hsun realizaria um total de dez filmes, o último dos quais em 1983, antes de cessar as suas atividades. Realizado apenas três anos depois do clássico de King Fu, **Long Cheng Shi Ri/A City Called Dragon** só denota alguma semelhança com os filmes do autor de **Dragon Inn** no que refere o cuidado formal e alguns elementos narrativos inerentes ao género (a voz off inicial que quer dar a ilusão de que se trata de uma história antiquíssima, o tema da vingança, as identidades ocultas ou duplas), mas do ponto de vista estilístico os filmes não poderiam ser mais diferentes. A ambição pode por vezes confundir-se com a pretensão, o que talvez seja parcialmente o caso de um filme como **Legend of the Mountain/ Shanzhong Zhuan Qi**, com o seu tom contemplativo e inerte. **Long Cheng Shi Ri/A City Called Dragon** é um filme preciso e conciso, em estilo direto, no qual o cuidado visual nunca se torna decorativo e no qual a trama narrativa (em cujo cerne, no caso deste filme, há um mistério sobre quem é quem) nunca é esquecida em favor de elementos ornamentais. Aquilo que está em jogo é totalmente claro e a surpresa final sobre a identidade do governador não altera aquilo que motivou toda a ação, acrescenta um efeito especular à trama, faz de dois inimigos súbitos aliados.

Sem querer demonstrar de modo ostensivo as suas capacidades de realizador, sem descambar para o estetismo, Tu Chung-Hsun dá prova de muita competência e tem boas ideias de realização. Uma delas é o uso de enquadramentos parciais nas sequências iniciais (vemos apenas a mão de um personagem importante numa cena em que as vidas de vários homens se decidem), o que faz sentido no contexto de um filme cujos protagonistas ocultam quem são (inclusive reles delatores, como o suposto vendedor de raviolis) e é uma técnica eficaz para aguçar a atenção do espectador. A primeira cena de luta surge, como é costume no cinema de artes marciais, por completa surpresa e é brevíssima, destinada a mostrar a rapidez dos reflexos e a destreza da

protagonista (em nenhum combate, ao longo de todo o filme, há golpes corporais, em todos são utilizadas espadas que brilham e tinem). Esta e a quase totalidade das cenas de combate têm lugar à noite, por vezes em espaços estreitos ou recintos fechados, o que é uma ideia original, já que via de regra nos filmes de artes marciais os combates têm lugar à luz do dia e ao ar livre. Isto obriga o realizador a encontrar soluções eficientes para jogar com a luz e a treva, não lhe permite seguir receitas já existentes. A banda sonora também é rica e original. Em vez de saturá-la com música para sobrecarregar de sentido aquilo que vemos (como faz King Hu em todo o longo episódio inicial na floresta em **Legend of the Mountain/ Shanzhong Zhuan Qi**), Tu Chung-Hsun quase não utiliza música no seu filme, construindo no entanto uma rica banda sonora, composta sobretudo por ruídos, que podem ou não ser identificados (o tinir de ferros, o ruído de um bastão sobre as grades das celas de uma prisão) ou não, num compósito sonoro que é um brilhante trabalho de *bruitage*, que reforça a imagem sem dar-lhe um ritmo artificial ou tentar entorpecer o espectador.

Não é absurdo ver paralelos entre a protagonista do filme e o personagem do *outsider* de alguns westerns, aquele que chega sem que saiba por quê a uma pequena cidade onde reina a lei do mais forte, sendo que no filme chinês o opressor é o próprio governo instituído, não um grupo de indivíduos fora da lei. Mais curioso para um filme realizado em Taiwan é o facto de **Long Cheng Shi Ri/A City Called Dragon** ter semelhanças com alguns filmes do cinema da China de Mao Tsé-Tung, por exemplo com a versão não musical de “**O Destacamento Feminino Vermelho**”. Nos dois filmes estamos num país em revolta subterrânea contra um poder opressivo e em ambos os protagonistas estão numa missão secreta e por isso escondem a sua identidade para melhor agir (o Libélula de Jade no filme que vamos ver, o Grande Timoneiro em pessoa em “**O Destacamento Feminino Vermelho**”), o que aproxima a heroína do século XIII do filme desta sessão das do cinema da China Popular dos anos 50: são guerrilheiras guerreiras, que não agem por motivos pessoais e sim pelo bem coletivo. Note-se ainda que embora a protagonista não pareça estar disfarçada de homem e na sequência inicial o carregador se dirija a ela como *minha senhora*, em outras passagens ela é referida como *ele* (pelo menos nas legendas da cópia que vamos ver, às quais falta por vezes a primeira linha), o que acrescenta mais uma máscara sobre a identidade dela. Como em muitos filmes de artes marciais, a sequência culminante é a do desenlace, o grande combate final em que tudo se decide. Também aqui Tu Chung-Hsun, que é co-autor do argumento, tem boas ideias (além do mérito de não se esquecer que está a contar uma história). No trecho final surge um novo personagem, um velho dotado de poderes enormes, o único a quem a Libélula de Jade não pode vencer, mas que acaba vencido neste derradeiro combate a três, quando os dois até então inimigos juntam forças, numa derrota das forças do “outro mundo” diante das forças deste mundo. **Long Cheng Shi Ri/A City Called Dragon** é um elaborado objeto de género, desprovido de ambições descabidas e como todo filme de género de qualidade é o resultado da convergência entre a competência artesanal e a inteligência e também a consciência por parte do realizador que está fazendo aquilo que a frase mais célebre de um mestre das formas cinematográficas definiu como *apenas um filme*.

Antonio Rodrigues